

TOLEDO, Conceição Arruda. Subsídios para a história da música em Campinas. Diário do Povo, Campinas, 25 out. 1975.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE029919

Subsídios para a história da música em Campinas

Diário do Povo 25.10.75

Na noite de hoje, muito merecidamente, estará sendo alvo das homenagens de Campinas, no Teatro Castro Mendes, o maestro Luis Di Tullio que durante muitos anos foi regente da Orquestra Sinfônica. O programa desenvolvido terá notícias posteriores.

Contestando declarações formuladas na imprensa local, não condizentes com a realidade: — “Campinas que fazia música apenas para consumo interno, ou esporadicamente enviava alguns elementos, solistas ou conjuntos, a outras cidades, entrou numa fase decisiva de exportação” —, com o auxílio do músico e arquivista da O. S., sr. Jordão Bruno Lunardi, quero aqui deixar consignadas as suas inúmeras participações fora de Campinas, para que, quando alguém se dispuser a escrever o capítulo da música em nossa cidade, não se omita nem desvirtue a realidade, que está sendo forjada sob moldes fantasiosos, não atino com que intuito ou finalidade.

No período citado, entre 1968 e 1974, a O. S., sob a batuta de Luis Di Tullio, apresentou-se:

Novembro-1968 — em LIMEIRA — Concerto em lá maior para piano e orquestra, de Mozart, com participação da pianista limeirense Elisa T. Stahlberg.

Janeiro — 1969 — Em AMERICANA — com participação do barítono Jelvis Marechi.

Maió — 1970 — Nos ESTÚDIOS TV RECORD, CANAL 7, em comemoração do 1.º Centenário da apresentação da ópera “O Guarani”, de Carlos Gomes.

Agosto — 1970 — S. PAULO — CANAL 9, com a Academia de Bailado Lina Penteado, interpretando o grande balé indiano do 3.º ato da ópera “O Guarani”.

Outubro — 1972 — Em TATUI, com a participação de solistas e coral da Soc. “Sscala”, de Campinas.

Setembro — 1973 — Em S. PAULO, no Museu de Arte, com apresentação do poema vocal-sinfônico “Colombo”, de Carlos Gomes.

(Pelo visto, a “exportação artística” de música não é novidade em Campinas... Vem do tempo de Luis Di Tullio... E não contava com os nababescos recursos de agora...)

Outro tópico do mesmo autor que merece contestação e que deve ser levado com honestidade e fidelidade ao público, segundo palavras textuais de J. B. Lunardi, mais adiante transcritas:

— “Não há dúvida de que o Prefeito Lauro Péricles Gonçalves agiu acertadamente quando resolveu reestruturar a antiga (?) Sinfônica dando-lhe caráter profissional. Da maneira por que estava sendo conduzida, na dependência de amadores ou de elementos volantes que não podiam assumir compromissos por deveres com outras organizações, coisa alguma se poderia fazer de bom”.

Vamos em parte: — “reestruturar a antiga Sinfônica...” — A Sinfônica Municipal é uma só e não antiga ou atual: é um complexo musical criado pela Câmara Municipal de Campinas e regulamentado pelo prefeito Ruy Novaes, cuja estrutura é inalterada e inalterável.

... “dando-lhe caráter profissional...” Permanecem na Sinfônica (após sua reestruturação) 32 musicistas “amadores” — portanto, continua o caráter misto da mesma, ou seja semi-profissional. Apenas a Orquestra que se compunha de 72 elementos, ficou reduzida a 54 participantes. O articulista insiste em depreciar os musicistas “amadores” e enaltecer os “profissionais”. Mal sabe ele que o musicista amador que se dedica ao estudo sério e consciencioso do ins-

trumento, torna-se tao competente quanto o profissional. A única diferença é que este último vive em função da profissão de musicista e o amador exerce uma profissão diferente, mas ama e cultiva a música por vocação, o que o torna mais consciente e mais sensível às belezas da música. ... “ou de elementos volantes que não podiam assumir compromisso, por deveres com outras organizações...” Os profissionais classificados levemente de “elementos volantes” nunca faltaram na execução dos 52 concertos oficiais e mais 12 concertos extraordinários, realizados em Campinas ou nas cidades acima relacionadas. Tratava-se de musicistas dos mais destacados nos meios profissionais de S. Paulo, cujos nomes seguem: Violinistas: — Clemente Capella (Spalla), Jorge Gisbert, Caetano Finelli, Dorisa Castro Soares; Violistas: Bela Mori e Ella Elly Scherer; Violoncelistas: Calixto Corazza, Luigi Pacchiaudo, Frederico Capella, Fábio Russo, Nadir Tanus; Contrabaxistas: Alfredo Corazza, Guido Bianchi; Oboístas: Benito Sanches e Francisco Pezella; Fagotistas: J. Antonio Cunha e Fernando Tancredi; Trompistas: Enzo Pedini, Silvio Oliani, Juliano Garini; — todos integrantes das grandes Orquestras de S. Paulo.

“Da maneira como estava sendo conduzida...” A Sinfônica estava sendo conduzida pelas mãos hábeis do prof. José A. dos Santos Ribeiro, Secretário de Educação e Cultura, a cuja repartição esteve sempre diretamente subordinada. Estava administrada pelo saudoso e inesquecível prof. Reynaldo Prestes, um dos mais competentes administradores e fundador da Sociedade Sinfônica Campineira, em 1929. Direção artística e regência do Mo. Titular Prof. Luis Di Tullio, sem favor algum o legítimo Maestro Campineiro cuja competência é indiscutível.

... “Coisa alguma se poderia fazer de bom”. É o cúmulo do descaramento...”

Essas palavras foram copiadas ao pé da letra do documento assinado por Jordão Bruno Lunardi, datado de 6-10-1975, e a mim enviado para a Redação do “Diário do Povo”.

Num próximo artigo tratarei dos Regentes e Solistas apresentados no mesmo período; das Homenagens Cívicas e Comemorativas, nas quais o ponto alto fora a O. S., até seu último concerto, sob a regência de Luis Di Tullio, em fins de 74.

Por enquanto limito-me a documentar a realidade pura e simplesmente, defendendo o ponto-de-vista mais de uma vez expresso por este canto de jornal, seguido da observação:

O fato já foi consumado. Se não querem reconhecer os méritos pretéritos da Orquestra Sinfônica, tenham pelo menos a dignidade e o senso de justiça de não lhe atirar pedras.

Sempre haverá em Campinas uma voz para gritar alto e em bom som os inestimáveis serviços prestados por esse pugilo de artistas que, como vêm demonstrando, não esmoreceram ante o irreversível ato de injustiça do qual foram vítimas, e continuaram intocáveis, praticando sua arte, oferecendo-a idealisticamente à cidade que até aqui só tivera música por seu intermédio. Não será uma voz solitária que irá desfazer-lhe a heróica caminhada de tantos e tantos anos. Deixemo-la, portanto, por mais bem aquinhada que tenha ficado a cidade com a arte “reestruturação”, jamais se esquecerá o seu nome, em ambos os sentidos: a marginalização dos que deram tanto de si; e o preço real em cruzeiros, tão e evado, que na última reunião do Clube de Arte Moderna, em casa de Fábio Penteado, S. Exa. o Prefeito, reconheceu que “pesadas verbas oneram os cofres municipais para a manutenção da O. E.”, lançando uma campanha para, formando um grupo de sócios, passar-lhes a responsabilidade de sua manutenção.

Sabíamos que isso iria acontecer. Mas não supúnhamos fosse tão rapidamente... Quem pode garantir tenhamos no futuro a continuidade do resultado de tal “reestruturação”? Só o tempo dirá...